

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais¹

'The Rural World' in Spain: A view of professional women

'El Mundo Rural' en España: Una perspectiva de las mujeres profesionales

Mireia Baylina

Universitat Autònoma de Barcelona - Espanha
mireia.baylina@uab.es

Maria Dolors Garcia-Ramon

Universitat Autònoma de Barcelona - Espanha
mariadolers.garcia.ramon@uab.es

Ana María Porto

Universidad de Santiago de Compostela - Espanha
anamaria.porto@usc.es

Isabel Salamaña

Universitat de Girona - Espanha
isabel.salamana@udg.edu

Montserrat Villarino

Universidad de Santiago de Compostela - Espanha
montserrat.villarino@usc.es

Resumo

No contexto das novas ruralidades, algumas mulheres profissionais têm decidido permanecer no mundo rural para desenvolver seu próprio projeto profissional e de vida. É um fenômeno novo, dado o constante processo de emigração rural para as cidades que a Espanha sofreu no passado. A pesquisa foi desenvolvida na Catalúnia e na Galícia através de entrevistas em profundidade. O objetivo desta investigação é compreender como estas mulheres profissionais concebem não apenas o mundo rural, mas também a si mesmas como mulheres rurais. Suas percepções podem se converter em um espelho para novas gerações de mulheres.

Palavras-Chave: mundo rural, mulheres, profissão.

Abstract

Within the context of the new ruralities reshaped by globalization processes, some educated women decide to stay at the countryside, where they develop their own life projects. It is a relatively new phenomenon, taking into account the steady process of female migration from rural areas that has taken place in Spain for decades. Through in-depth interviews we attempt to set out how rural women perceive themselves and assess rurality in two Spanish regions, Catalonia and Galicia. Women's critical perceptions of the new ruralities become a mirror for younger (female) generations.

Keywords: Rural world, Women, Profession.

Resumen

El el contexto de las nuevas ruralidades, algunas mujeres profesionales han decidido permanecer en el mundo rural para desarrollar su propio proyecto profesional y de vida. Es un fenómeno nuevo, dado el constante proceso de emigración rural hacia las ciudades que España sufrió en el pasado. Esta investigación se desarrolló en Cataluña y en Galicia a través de entrevistas en profundidad. El objetivo de este estudio es comprender como estas mujeres profesionales conciben no solo el mundo rural sino también a si mismas como mujeres rurales. Sus percepciones pueden convertirse en un espejo para nuevas generaciones de mujeres.

Palabras-Clave: Mundo rural; Mujeres; Profesión.

Introdução

A literatura acerca da sociedade rural defende que as mulheres são essenciais à sustentabilidade socioeconómica das zonas rurais (CAMARERO et al., 1991; SABATÉ, 1992; GARCIA RAMON et al., 1994; GARCIA RAMON AND BAYLINA, 2000; LITTLE, 2001; CAMARERO, 2009; SAMPEDRO, 2009; MARM, 2011). No entanto, e durante várias décadas, deu-se em Espanha um processo constante de seletivo despovoamento rural em relação ao género e faixa etária, com particular impacto nas mulheres mais jovens (FADEMUR, 2009), como sucedeu noutros contextos Europeus (BULLER e HOGGART, 2004; GOVERDE et al., 2004). No final do século XX, esta tendência começou a mudar lentamente e assistiu-se a uma ligeira recuperação demográfica após décadas de

despovoamento, emigração e envelhecimento demográfico desigual entre regiões. A imigração, novas iniciativas económicas, o desenvolvimento de infraestruturas e serviços podem explicar algum grau de vitalidade em certas áreas, as mais densamente povoadas e com melhores infraestruturas e comunicações (HOGGART e PANIAGUA, 2002; GARCIA e SÁNCHEZ, 2005; MORÉN e SOLANA, 2006; GUIRADO, 2010; BAYONA e GIL, 2013). Neste contexto, algumas mulheres com alguma formação académica e uma vida profissional decidem permanecer, ou mesmo, mudarem para o campo onde pretendem desenvolver o seu próprio projecto de vida (CARBÓ et al., 2013). Trata-se de um fenómeno de interesse verdadeiramente recente que pode acontecer noutras zonas rurais da Europa em idênticas condições.

Assim, mulheres com alguma formação académica estruturam-se como mulheres

Mireia Baylina, Maria Dolores Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

rurais e constroem uma ruralidade actual. As ligações que as mulheres criam com o local, as suas experiências e o reflexo sobre o seu meio ambiente são fundamentais na construção da sua própria identidade, a fim de planearem a sua permanência no campo e os valores que podem transmitir às gerações mais novas.

O nosso objectivo é analisar o que estas mulheres rurais profissionais pensam acerca do 'mundo rural' dos nossos dias, como as mulheres descrevem a 'mulher rural' actual e saber se se identificam com esta ideia. Os discursos de mulheres sobre ruralidade descrevem e explicam o modo de vida do dia a dia do mundo rural sob uma perspectiva de género. O seu valor reside no significado primário da vida rural de um grupo social informado e reflexivo nem sempre reconhecido.

Enquadramento Teórico

O processo rápido de reestruturação económica e recomposição social do espaço rural, que teve lugar nas últimas décadas em toda a Europa, provocou uma maior complexidade nas suas funções e significados. As zonas rurais estão gradualmente a tornar-se menos autossuficientes, menos autocontidas e mais abertas às forças externas da economia mundial (MARSDEN, 1999). À medida que a globalização vai influenciando todas as esferas da vida, as zonas rurais estão também a ser reformuladas por estes processos de integração nas redes globais, embora com diferentes impactos e respostas diferentes. As condições de transformação da vida rural, do lugar rural e da economia política rural constituem variações importantes na manifestação material da ruralidade e têm posicionado o espaço rural no âmago de muitos problemas vitais à sociedade contemporânea (CLOKE, 2006).

O conceito de ruralidade perpetua-se na imaginação e nas práticas diárias do mundo contemporâneo. Atribuem-se muitos significados ao mundo rural e esses diversos significados moldam, não só a sociedade, como a própria estrutura económica das localidades rurais e da vida das pessoas no seu dia a dia, que vivem, trabalham ou descansam nas zonas rurais. Mais, ainda, as alterações que ocorrem nas zonas rurais implicam novas estruturas teóricas, de modo a poderem competir com esse dinamismo e essa complexidade. Como defende Cloke (2006), é possível destacar três estruturas teóricas como influenciando as conceptualizações da ruralidade desde os anos setenta: a estrutura funcional, a político-económica e a construcionista social. Ao fim de algumas décadas a demonstrar que os processos moldando o espaço rural contemporâneo ultrapassaram as fronteiras do espaço rural operando à escala regional, nacional e global, alguns investigadores queixam-se de 'acabemos com o mundo rural' (HOGGART, 1990), como um conceito a ter em conta e reclamam um valor maior do conceito. A mudança para o cultural, que representa a perspectiva sócio-construcionista, dá de novo proeminência ao mundo rural. A ruralidade é entendida como uma construção social, ou seja, uma entidade imaginada transformada em realidade por discursos particulares que são produzidos, reproduzidos e contestados pelos académicos, a imprensa em geral, os decisores políticos, os grupos 'lobby' rurais e o cidadão comum. O mundo rural é, por conseguinte, uma categoria do pensamento (MORMONT, 1990).

Como realidade imaginada e representada, o mundo rural foi também idealizado. A ruralidade tornou-se idílica, compreendida como 'espaços oferecidos pela natureza, oferecendo oportunidades para viver e estilos de vida socialmente coesos, felizes e

Mireia Baylina, Maria Dolores Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

saudáveis, apresentando, além disso, uma via e uma qualidade de vida que diferem da vida cidadina.' (CLOKE, 2003; SHORT, 2006). Assim que estes estudos proliferaram, o mesmo sucedeu com aqueles outros que mostram a outra face da moeda, salientando uma visão anti-idílica, trazendo à luz outros problemas sociais, económicos e ambientais (PHILO, 1992; BUNCE, 1994; BELL, 1997, 2006, CLOKE, 1997; CLOKE e LITTLE, 1997; HALFACREE, 2007) também sob uma perspectiva feminista (LITTLE e AUSTIN, 1996; HUGHES, 1997; BELL e VALENTINE, 1995; PANELLI, 2002; HAUGEN e VILLA, 2006, BAYLINA e BERG, 2010). A viragem cultural nos estudos rurais foi profundamente implantada e não menos criticada. Muitos estudiosos da matéria consideram esta viragem dessocializante, desmaterializante e despolitizante (CLOKE, 2006). Numa tentativa de enfrentar as virtudes e os contratempos deste enfoque, Halfacree (2006) desenvolve uma estrutura que interliga o espaço rural material com o ideacional. Num modelo tripartido do espaço rural, argumenta Cloke que o espaço rural engloba as localidades rurais, representações formais do mundo rural e as vidas do dia a dia no mundo rural, interligando estas três facetas. Contudo, o que está subjacente à nossa investigação prende-se com a estrutura das vidas da rotina no mundo rural, que incorpora os elementos individuais e sociais na negociação da vida quotidiana das pessoas. O núcleo da nossa investigação prende-se com a vida quotidiana das mulheres (locais, épocas, atitudes, experiências, objectos, experiência de vida) (BRINKMANN, 2012). Consideramos que a vida de todos os dias fornece material essencial para compreender as vidas das mulheres e os processos sociais para além delas.

Dentro desta estrutura, mulheres com uma carreira profissional foram inquiridas acerca

das suas percepções (mediante significados e práticas) do que constitui actualmente a ruralidade e como elas descrevem a mulher rural. As principais percepções das mulheres sobre ruralidade e delas próprias como 'mulheres rurais' constituem um importante documento que nos diz muito acerca da vida quotidiana, representação, conhecimento e futuro, uma vez que os seus pensamentos podem influenciar atitudes e práticas das gerações femininas vindouras.

Áreas de Metodologia e Estudo

O estudo baseia-se apenas na metodologia qualitativa e etnográfica, que é a análise de 47 entrevistas criteriosas a mulheres na Catalunha e na Galiza, que decidiram desenvolver o seu projecto profissional e de vida no millieu rural. Nasceram quase todas na área, mas muitas viveram igualmente em cidades durante bastante tempo. O perfil corresponde a uma mulher entre 30 a 50 anos de idade, na sua maioria com formação superior, casadas ou com uma relação heterossexual e dois terços delas com filhos. Dirigem as suas próprias empresas ou trabalham como freelancers no sector dos serviços ou agrícola. Entrevistamos, também, sete homens profissionais, de forma a podermos comparar a versão masculina do mundo rural actual e podermos avaliar a posição relativa das mulheres.

Todas as entrevistas foram gravadas e os discursos narrativos analisados sob diferentes conceitos. Para este estudo não escolhemos todos os conceitos fundamentais abordados no nosso longo projecto de investigação, mas, apenas alguns deles claramente relacionados com o modo como estas mulheres avaliam e enfrentam a ruralidade.

A Catalunha e a Galiza são duas regiões contrastantes de Espanha. A Catalunha (7,5 milhões de habitantes) tem um PIB de 26.516 euros, muito além da média em Espanha

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

(22.819 euros) e representa uma força económica real no país. A Galiza (2,7 milhões de habitantes) tem um PIB de 20.442 euros e tem sido tradicionalmente uma região de emigração, sendo agora uma região de serviços na qual a agricultura continua a ser relativamente importante tanto em termos de emprego como de receitas. A percentagem rural da população em ambas as regiões também diverge (31% na Galiza, 19% na Catalunha), embora entre 1996-2009 observemos uma subida de 11,8% na Catalunha e uma descida de -7,3% na Galiza. A percentagem rural da população é também significativamente diferente (31% na Galiza e 19% na Catalunha, em que apenas 1% dela é população agrícola ativa). É interessante observar que entre 1996 e 2009 há uma subida da população rural na Catalunha (+12%) e uma descida (-7,3%) na Galiza. Esta subida da população rural na Catalunha deve-se a um processo gradual de re-ruralização (tanto pela população nativa como imigrante), que tem mais directamente a ver com a melhoria das infraestruturas, serviços e equipamento do que com uma recuperação da actividade agrícola (emprega apenas 1% das pessoas na Catalunha) (IDESCAT, 2012). Esta alteração não se deu na Galiza, que continua com um declínio constante da população rural.

O Que é o Mundo Rural?

As mulheres reconhecem o conceito de rural mas têm dificuldade em dar uma definição, tal como os sociólogos também têm (ALDOMÀ, 2009; GARCÍA, 2011; WOODS, 2011b). Por vezes, a sua primeira pergunta é uma questão que nos fazem, nós como entrevistadoras: 'Mas quando fala em rural, a que se refere?'

Dicotomias Rural-Urbanas

Alguns indicadores espaciais continuam a ser importantes para definir o mundo rural entre muitas das mulheres:

Para nós, o mundo rural é viver numa aldeia pequena, como nós vivemos. Tem menos de 4.000 habitantes. (Meritxell, 39, Artista / dona de uma cave de vinhos, Catalunha)

Os homens têm, habitualmente, uma ideia muito mais clara:

Para mim, o campo tem a ver com dois elementos: actividade económica e a densidade populacional. (Juan José, 46, geógrafo/director do instituto de estudos turísticos e professor universitário, Catalunha)

As mulheres, porém, tendem a definir o mundo rural por oposição ao urbano, pese embora o facto de muitas actividades e formas da vida urbana se terem espalhado por toda a província:

Talvez eu o definisse como excluindo o urbano. Tenho a certeza do que é urbano, e é o contrário. (Elvira, 65, licenciada em Química e Geografia/dona de um hotel, Catalunha)

Já se sabe que nem todas as zonas rurais possuem o mesmo grau de ruralidade e muitas mulheres referem esse aspecto. Diferenciam entre algumas zonas 'mais rurais' (isoladas, áreas montanhosas, com uma actividade agrícola tradicional muito vincada) e 'as outras', com melhores ligações e nas

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

quais identificam uma ruralidade em vias de desaparecer:

O nível de ruralidade depende... da proximidade a cidades maiores e da autonomia com que nos temos ou podemos mover.(Núria, 48, psicóloga, Catalunha)

Quer então dizer que (nas zonas rurais) existem campos? Sim, aqui há agricultores, realmente; mas também têm telefones com Internet e tratores com ar condicionado e com GPS que custam muito dinheiro!"(Martina, 41, filóloga/presidente de câmara, Catalunha)

E, nas suas narrativas, surge frequentemente a ideia da mudança oposta por que passou o campo espanhol e que atingiu directamente a sua geração. Este tipo de comentários é mais comum na Catalunha, onde o campo sofreu uma mudança drástica ao longo das últimas décadas:

Talvez haja dois tipos de mundos rurais. Um, que está quase a desaparecer, onde as pessoas ainda vivem espalhadas e isoladas em casas agrícolas... e outro, onde podemos ter um comportamento semelhante ao da cidade: vestimos-nos como na cidade e podemos ir ver o Cirque du Soleil... mas, claro, precisamos de carro para tudo (Maria Teresa, 57, dona de uma papelaria, Catalunha)

Idílios e Contra idílios

As zonas rurais analisadas fazem parte de um zona campestre global, concebida como um espaço que responde à condição da

interconetividade global e da interdependência das localidades rurais (WOODS, 2007), e as mulheres que entrevistamos pertencem, de facto, a este contexto. Ou seja, a ideia das mulheres sobre o mundo rural é condicionada pelas mudanças discursivas e materiais do ambiente global assim como pelas suas identidades e práticas diárias. Desse modo, o conceito tradicional de idílio rural, muitas vezes sustentado por relações do género patriarcal (LITTLE and AUSTIN, 1996), é frequentemente desafiado e transgredido por estas mulheres.

Um Estilo de Vida de Notável Qualidade

A ideia do mundo rural ligada à qualidade de vida é bastante omnipresente. As mulheres referem-se ao bem-estar mental e físico, ao sossego e à tranquilidade, à boa alimentação e à ligação com a natureza. Embora não mencionem explicitamente o 'movimento lento', reproduzem algumas ideias deste paradigma alternativo que pretende ser uma vida com sentido.

O campo é onde nos sentamos para ver a vinha a crescer.. A vida rural é uma vida sem pressas. (Gema, 37, administrativa/empresária, Galiza)

Talvez o correr do tempo... É um modo de vida onde as prioridades são outras; desfrutamos das coisas. (Mariña, 43, economista/dona de uma cottage, Galiza)

No entanto, as mulheres também são realistas e admitem os problemas que este modo de vida implica, desenvolvendo estratégias para as minimizar:

Definiria o campo como o lugar perfeito para se viver, desde que houvesse um mínimo de requisitos.

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

Quer-se dizer, por exemplo, uma mulher com 50 anos que não sabe conduzir e que os filhos já tenham saído de casa, nem sequer pode ir ao médico (Marcela, 56, professora de jardinagem/gerente de centro de informação para mulheres, Galiza)

A Ligação com a Natureza

Muitas das mulheres referiram que a paisagem rural permite uma relação mais próxima com a natureza. A natureza é imaginada como uma fonte da vida, que dá os seus frutos desde que a respeitemos e a protejamos. Os seus comentários refletem uma espécie de relação experimental e espiritual com a natureza (MIES e SHIVA, 1993). A sua ênfase sobre pertencer a terra, em amar e cuidar dela mostra que muitas mulheres encontraram muitas vezes na paisagem campestre (natural ou construída) uma fonte de força e identidade pessoal (MONK e NOORWOOD, 1987):

Este é um modo de vida, um sentido de pertencer à terra, é uma união forte... que estamos geneticamente inclinados para sentir. E termos orgulho em conseguir viver do que o campo nos dá... dar de volta aquilo que recebemos. (Mariña, 43, economista/dona de uma cottage, Galiza)

Algumas das áreas são descritas como tendo uma paisagem belíssima, como a província de Empordà na Catalunha. Este é o local onde muita gente de elevado poder económico e político (sobretudo de Barcelona) possuem uma segunda casa (primeiro na Costa Brava e depois no continente) e que tem passado por um importante processo de 'aburguesamento' (SOLANA, 2006). E esta imagem

reconstruída de Empordà como modelo de idílio rural - literalmente ocupada por construção de imóveis - foi interiorizada pela população local. Esta glorificação da paisagem não ocorre noutras zonas rurais de igual beleza (sempre um conceito subjetivo) porque o turismo é pouco e não tem tido de preferência muita construção em termos de classe como Empordà:

Eu diria que 'la Conca' [a sua província] é uma zona quase desconhecida com uma paisagem maravilhosa. Algumas pessoas dizem que parece... A Toscânia, na Itália. Estamos perto das montanhas e com excelentes ligações para todo o lado... Muito agradável para se viver, nem frio nem quente. (Aina, 53, farmacêutica e bióloga/dona de uma farmácia, Catalunha).

Amigos e Solidão

O ambiente rural é concebido como um sítio onde as relações sociais são fáceis de arranjar. Mas, muitas das mulheres têm as suas amigas e amigos noutros sítios, por vezes muito distantes e mantêm o contacto pela internet como rotina. Mas dizem preferir o contacto físico porque ajuda muito a reforçar as relações:

Acho que gosto deste lugar porque é muito parecido com a paisagem [rural] da Irlanda; lá, havia sempre alguém em casa, de passagem, que chegava, que nos convidava para um café... Temos sempre a porta aberta. (Aileen, 43, filóloga/tradutora, Catalunha)

Na verdade, os componentes negativos da proximidade espacial das pessoas que (inevitavelmente) se conhecem também existem. As mulheres lamentam a experiência

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

da coscuvilhice dos vizinhos, dos contos e ditos, o assédio rural e o facto de muitos vizinhos terem vistas curtas e retrógradas:

O problema são as pessoas. Não se pode confiar inteiramente em ninguém. É um mundo muito mais fechado e quem chega sente-se forasteiro...é muito fácil ser-se ignorado quando se chega de novo. (Elisabet, 51, tradutora/intérprete/diretora de um hostel, Catalunha)

O Que é uma Mulher Rural?

Uma mulher que (só) vive no campo

Algumas das mulheres entrevistadas associam o conceito de uma mulher rural a um modelo profunda e tradicionalmente enraizado na sociedade rural espanhola. Este modelo implica um papel doméstico para as mulheres e espera que elas cuidem da família, da quinta, mantendo-as à margem da maioria das tomadas de decisão. Este é o tipo de modelo que, no passado, expulsou as mulheres das zonas rurais e provocou um processo forte de despovoamento e de masculinização:

A minha avó era uma mulher rural. Levanta-se às 6h da manhã, trabalhava no campo, comia muito pouco, fazia tudo em casa, lavava a roupa à mão e poupava o mais que podia para no caso de ficar doente (Rita, 45, professore/professora de música, Catalunha)

Uma mulher com 3 vidas: trabalho, casa e lavoura. Está a ser discriminada na economia doméstica; trabalha no sector informal. Conforma-se com as

práticas estabelecidas... e com os laços de família e transmite isso aos filhos. São muito mais refreadas e responsáveis do que os homens. (Raúl, 38, psicólogo e professor/agente de igualdade do género, Galiza)

No entanto, a maioria das mulheres que entrevistamos não se ajusta a este modelo, um modelo que, actualmente, se confina a zonas remotas ou a mulheres muito idosas. De facto, as nossas mulheres não se consideram rurais, embora vivam em zonas rurais. Possuem recursos financeiros e formação; têm iniciativas e um projecto profissional. Por isso, não se acham nem diferentes nem inferiores às mulheres da cidade.

Acha que eu sou uma mulher rural? Nunca me definiria como tal, mas se calhar sou. (Aileen, 43, filóloga/tradutora, Catalunha)

Vivo no campo mas não sou rural. (Natalia, 43, economista/dona de solar, Galiza)

Ora bem, Vivo no campo e o meu trabalho depende da terra, mas não sou a minha avó... Tenho Internet, vou ao cinema, tenho carro... Se me vires noutro contexto, sou uma pessoa normal. (Mariona, 29, engenheira agrícola e enóloga/agricultora, Catalunha)

Capacidade de agir e resistência. Trabalhadora e determinada

As mulheres entrevistadas veem as suas congéneres (e a si próprias) como trabalhadoras e lutadoras. Todas mostram capacidade de agir na esfera pública, o que é um feito considerável. No entanto, toda a sua

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

dia cotidiana reflete diferentes situações. Classe (nas formas materiais e culturais) e lugar têm um efeito profundo na sua capacidade de ultrapassar obstáculos e tirar partido das vantagens da vida rural.

Generalizar é muito difícil... porque vejo mulheres extraordinárias... Chamo a atenção para o empreendedorismo, profissionalismo e coragem pessoal independentemente das estruturas sociais da região. Têm a capacidade de criar projectos, inovar, abstraindo-se da estrutura social. (Juan José, 46, geógrafo/director do instituto de estudos turísticos e professor universitário, Catalunha)

Subjugação. Ao mundo rural, à sogra, ao marido e à família. Muitas vezes há conformidade... Desistem... E as que não desistem, deixam de pertencer ao mundo rural."(Pedro, 46, professor/professor reformado, Galiza)

As relações de poder desiguais, a sua aceitação e as táticas que usam para as ultrapassar aparecem, muitas vezes, nas narrativas. E isso é sinal de teimosia. O facto pode ser reforçado pela construção do idílio rural que reforça o papel da mulher como esposa e mãe, e enfatiza o estereótipo da feminilidade e da domesticidade.

Porém, das suas definições de 'mulheres rurais' e da sua própria imagem, as mulheres não se auto definem nem definem as mulheres rurais como esposas e mães, como seria de esperar no idílio rural. Só em alguns casos abordam a ideia da domesticidade e da família:

Há hoje em dia muita gente jovem, há maior abertura e a mulher rural tem maior liberdade que antes, mas continua a ser uma dona de casa. Gosta de cuidar dos filhos, ter a casa limpa e arrumada e ter a sua família...(Esther, 54, professora primária/agricultora, Galiza)

Eu defini-la-ia como uma mulher de carácter, muito familiar e com ligações ao ambiente que a rodeia (mais do que uma mulher em Barcelona). (Mònica, 36, agente social/agente de igualdade do género, Catalunha)

Uma mulher pode usar um carro

Ter a possibilidade de ter um carro e poder conduzi-lo é uma das primeiras respostas que obtemos da nossa amostragem, quando perguntamos acerca das características de uma mulher rural. Para elas, a mobilidade é uma questão chave para poderem viver e trabalhar no campo. Durante as entrevistas, observamos uma elevada mobilidade para o trabalho, lazer e compra de bens. As viagens são normalmente para fins diferentes:

Todo o género de coisas... por exemplo, posso ir às compras depois de levar o meu filho à escola; ou compro antes se tenho de ir de manhã ~`as estufas. E quando não há hipótese, vou de propósito. (Míriam, 52, bacharel/agricultora, Galiza)

As mulheres viajam até às cidades maiores para fazerem compras grandes (para a semana ou para o mês), especializadas (roupa, calçado), para trabalhos avançados ou para lazer.

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

Para Pira [pequena vila] quatro vezes por dia [trabalho remunerado]. Se formos às compras, vamos a Reus ou a Tarragona [província e capital de província, respectivamente]. E se tenho de ir a Barcelona, vou a Barcelona... [capital da Catalunha] (Marga, 54, Artista/dona de caves de vinhos, Catalunha)

"Vou muitas vezes a Lugo [capital de província] muitas vezes para tratar de coisas, fazer compras ou buscar materiais. Às vezes vou até Lalin [capital de província]. Vamos a Madrid [capital de Espanha] em trabalho uma vez por mês. E também vamos à Coruña [capital de província] e a Santiago [capital da Galiza] para lazer. (Natalia, 43, economista/dona de solar, Galiza)

As mulheres viajam normalmente de carro, o seu transporte privado. Por um lado, nos últimos 25 anos, a melhoria das infraestruturas (sobretudo vias terrestres) em Espanha tem sido espectacular, com ajuda dos fundos europeus, e, por outro lado, os transportes públicos nas zonas rurais não melhorou por aí além. E o aumento de viaturas próprias também contribuiu para pôr de lado os transportes públicos num país tão grande como é Espanha e onde seriam necessários enormes investimentos para melhorar o sistema de transportes públicos.

Todas as mulheres entrevistadas acham que o carro é essencial para viver no campo e assumiram a necessidade de terem um carro e carta de condução para fazer a sua vida quotidiana. Chamam, no entanto, a atenção para a falta de fornecimento e frequência de transportes públicos:

Não temos comunicações deste

género [camionetas regulares]. Toda a gente tem carro. (...) Se não, há sempre o táxi. (Mar, 41, mulher de negócios/agricultora, Galiza)

Se para grande parte destas mulheres mobilidade não é o problema, é um problema real para outras, mais velhas ou mais novas e que não estão na mesma situação. Afirmam:

Estas pessoas [mulheres mais velhas] têm cada vez mais dificuldade em ir às compras. Vão a pé. Nunca conduziram. Sempre viveram aqui... Devia haver um serviço semanal que as levasse às compras. (Abril, 36, turismo/técnica de turismo, Catalunha)

A mobilidade virtual é também muito importante para as entrevistadas. Deste modo, as mulheres tecem múltiplas relações sociais ao nível profissional e pessoal em muitos sítios e isso é algo que valorizam bastante e, assim, não se sentem isoladas.

Converso por correio electrónico com as minhas amigas e colegas enólogas espalhadas por todo o lado (La Rioja, Galiza...). Tenho duas contas e o Hotmail uso para os amigos. (Mariona, 29, engenheira agrícola e enóloga/agricultora, Catalunha).

Conclusões

Para as mulheres entrevistadas é muito difícil definir 'o mundo rural' e a 'mulher rural'. É por isso que tendem a rotular como 'rural' tudo o que 'não seja urbano'. No entanto, admitem que no meio rural actual encontramos muitos elementos 'urbanos' (conforto material, educação, etc.). Isso mostra como está ultrapassada a dualidade urbana/rural como categoria de análise e

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

desafio o significado de ambos os conceitos, o qual deve ser entendido mais como processos do que entidades rígidas. Nos seus discursos, as mulheres constroem, por um lado, um sentido social negativo da cidade (muito a par do stress) e, por outro, um sentido social mais positivo da mulher urbana, em particular devido à visão que têm como realmente independentes. Seja como for, a ideia de mudança está sempre latente nas suas narrativas e as mulheres enfatizam as enormes diferenças entre a sua geração e a geração das suas mães ou avós.

As mulheres, não há dúvida, relacionam o mundo rural com qualidade de vida. Para elas, a vida rural está associada a um ambiente calmo, a relações sociais mais chegadas e a um contacto directo com a natureza, tudo isso são características que apreciam e muito. Este facto reflete, sem dúvida, a sua posição de classe. Com efeito, a nossa amostragem inclui apenas mulheres profissionais que decidiram desenvolver o seu projecto pessoal e profissional no ambiente rural. Esta posição de classe implica a disponibilidade de recursos materiais e não materiais, a fim de poder obter esta qualidade de vida, e ajuda a minimizar os efeitos negativos no ambiente rural, como o desemprego, falta de incentivos ou exclusão social. As suas narrativas mostram muitas vezes a visão tradicional construída do idílio rural, embora trabalhem para viver e lutem por uma carreira profissional.

As mulheres não se veem como 'rurais' no sentido tradicional da mulher rural. Os primeiros adjetivos que referem na sua definição de mulheres rurais (incluindo a si mesmas) é trabalhadoras e lutadoras, e pensam que a mobilidade é uma questão fundamental e uma condição prévia que lhes permite continuar e permanecer no campo e levarem avante os seus projectos pessoais. Curiosamente, reforçam a ideia das suas competências pessoais no seu papel social.

Por isso, não definem mulheres rurais (incluindo-se a si mesmas) como esposas e mães, como seria de esperar na construção social do idílio rural tradicional. Mas, na sua vida quotidiana, valorizam as funções como mulheres, mães e protetoras da família embora acreditem que isso não as impede de ter vida própria e o seu próprio projecto de vida. Nas narrativas, observamos que a distribuição do trabalho dentro do lar não é equilibrado pelo género e, de facto, as mulheres apenas ligeiramente transgridem no seu papel doméstico socialmente atribuído. Muitos dos problemas da sua vida quotidiana advêm não do facto de viverem em zonas rurais, mas, da sua capacidade/incapacidade de negociarem o seu papel social com os homens. A ideia de 'submissão' e 'sacrifício', embora ainda presente, tem-se transformado eufemisticamente em "capacidade de trabalho", referindo-se ao dobro ou triplo do fardo feminino. Assim, devemos salientar que o idílio rural deve ser retirado da perspectiva dos diferentes habitantes do mundo rural, e que as diferentes 'ruralidades' terão o seu impacto no contrato do género, corroborando o que Little e Austin apontam (1996) como não havendo um espaço rural único, mas sim muitos espaços rurais sobrepostos dentro de uma mesma área geográfica.

As narrativas masculinas são ligeiramente diferentes das narrativas das mulheres. As principais diferenças são que os homens não se referem à família e às relações sociais nas suas definições do mundo rural e não associam o mundo rural à natureza. As narrativas masculinas enfatizam também a definição de mulheres rurais como trabalhadoras e empreendedoras (tal como disseram as mulheres), mas em algumas províncias (sobretudo na Galiza) veem as mulheres ainda como demasiado dependentes dos homens.

Mireia Baylina, Maria Dolores Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

¹ Esta investigação faz parte de um projecto maior sobre Mulheres, trabalho e ruralidade: Estratégias inovadoras para o desenvolvimento de um projecto profissional e de vida (Ref. 2011-0004-INV-00024), financiado pelo Instituto de la Mujer, Ministerio de Sanidad, Política e Igualdad Social do Governo Espanhol.

Referências

- BAYLINA, Mireia.; BERG, Nina Gunnerud. Selling the countryside: Representations of rurality in Norway and Spain. **European Urban and Regional Studies**, v. 17, n. 3, p. 277 - 292, 2010.
- BAYONA, Jordi; GIL, Fernando. Is foreign immigration the solution to rural depopulation? The case of Catalonia (1996-2009). **Sociologia Ruralis**, v. 53, n. 1, p. 26 - 50, 2013.
- BELL, David. Anti-idyll: rural horror. In: CLOKE, Paul; LITTLE, Jo (Eds.). **Contested countryside cultures**. London: Routledge, 1997, p. 94 - 108.
- BELL, David. Variations on the rural idyll. In: CLOKE, Paul; MARSDEN, Terry; MOONEY, Patrick (Eds.). **Handbook of rural studies**. London: Sage, 2006, p. 149 - 160.
- BELL, David; VALENTINE, Gill. Queer country: rural lesbian and gay lives. **Journal of Rural Studies**, v. 11, p. 113 - 122, 1995.
- BRINKMANN, Svend. **Qualitative enquiry in everyday life**. London: Sage, 2012.
- BULLER, Henry; HOGGART, Keith (Eds.) **Women in the European countryside**. Aldershot: Ashgate, 2004.
- BUNCE, Michael. **The countryside ideal**. London: Routledge, 1994.
- BUNCE, Michael. Reproducing rural idylls. In: CLOKE, Paul (Ed.). **Country visions**. Harlow: Pearson, 2003, p. 14 - 30.
- CAMARERO, Luis Alfonso. ¿Por qué hay menos mujeres en las áreas rurales? Agricultura familiar en España 2009. **Anuario de la Fundación de Estudios Rurales**. Unión de Pequeños Agricultores y Ganaderos, p. 86 - 90, 2009.
- CAMARERO, Luis Alfonso; SAMPEDRO, Rosario; VICENTE-MAZARIEGOS, Juan Ignacio. **Mujer y ruralidad. El círculo quebrado**. Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales / Instituto de la Mujer, 1991.
- CARBÓ, Monica; BAYLINA, Miria; GARCIA-RAMON, Maria Dolors. Women's ventures in a rural context: livelihood and identity. **Hagar. Studies in Culture, Politics and Identities**, v. 11, n. 1, p. 100 - 120, 2013.
- CLOKE, Paul. Country backwater to virtual village?. **Journal of Rural Studies**, v. 13, p. 367 - 375, 1997.
- CLOKE, Paul. Knowing ruralities?. In: CLOKE, Paul (Ed.). **Country visions**. Harlow: Pearson, 2003, p. 1 - 13.
- CLOKE, Paul. Conceptualizing rurality. In: CLOKE, Paul; MARSDEN, Terry; MOONEY, Patrick (Eds.). **Handbook of rural studies**. London: Sage, 2006, p. 18 - 28.
- CLOKE, Paul; LITTLE, Jo. **Contested countryside cultures: Otherness, marginalisation and rurality**. London: Routledge, 1997.

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

FADEMUR. Mujeres rurales en España, Agricultura familiar en España 2009. **Anuario de la Fundación de Estudios Rurales**, Unión de Pequeños Agricultores y Ganaderos, p. 61 - 77, 2009.

GARCÍA, Benjamín. **Ruralidad emergente, posibilidades y retos**. Madrid: Ministerio de Medio Ambiente, Medio Rural y Marino, 2011.

GARCÍA, Ariadna; SANCHEZ, Dolores. La población rural en Catalunya: entre el declive y la revitalización. **Cuadernos Geográficos**, v. 36, p. 387 - 407, 2005.

GARCIA-RAMON, Maria Dolores; CRUZ, Josefina; SALAMAÑA, Isabel; VILLARINO, Montserrat. **Mujer y agricultura en España. Género, trabajo y contexto regional**. Barcelona: Oikos-Tau, 1994.

GARCIA-RAMON, Maria Dolores. y BAYLINA, Mireia. (eds.) **El nuevo papel de las mujeres en el desarrollo rural**, Vilassar de Mar, Oikos-Tau, 2000.

GOVERDE, Henri; DE HAAN, Henk; BAYLINA, Mireia. (Eds.) **Power and gender in European Rural Development**. Aldershot: Ashgate, 2004.

GUIRADO, Carlos. **Tornant a la muntanya. Migració, ruralitat i canvi social al Pirineu català. El cas del Pallars Sobirà**. Tesis doctoral. Departament de Geografia, Universitat Autònoma de Barcelona, 2010.

HALFACREE, Keith. Rural space: constructing a three-fold architecture. In: CLOKE, Paul; MARSDEN, Terry; MOONEY, Patrick (Eds.). **Handbook of rural studies**. London: Sage, 2006, p. 63 - 90.

HALFACREE, Keith. Still surprises in store: Revisiting the ordinary in rural geography. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, v. 50, p. 87 - 103, 2007.

HAUGEN, Marit; VILLA, Mariann. Rural idylls or boring places?. In: BOCK, Bettina; SHORTHALL, Sally (Eds.). **Rural gender relations. Issues and case studies**. Wallingford: Cabi Publishing, p. 181 - 195, 2006.

HOGGART, Keith. Let's do away with rural. **Journal of Rural Studies**, v. 6, p. 245 - 257, 1990.

HOGGART, Keith; PANIAGUA, Angel. The restructuring of rural Spain?. **Journal of Rural Studies**, v. 17, p. 63 - 80, 2002.

HUGHES, Annie. Rurality and cultures of womanhood. In: CLOKE, Paul; LITTLE, Jo (eds.). **Contested countryside cultures**. London: Routledge, 1997, p. 123 - 137.

IDESCAT (INSTITUT D'ESTADÍSTICA DE CATALUNYA), **Estadístiques població ocupada**. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2012.

LITTLE, Jo. **Gender and rural geography. Identity, sexuality and power in the countryside**. Harlow: Prentice Hall, 2001.

LITTLE, Jo; AUSTIN, Patricia. Women and the rural idyll. **Journal of Rural Studies**, v. 12, p. 101 - 111, 1996.

MARSDEN, Terry. Rural futures: The consumption countryside and its regulations. **Sociologia Ruralis**, v. 39, p. 501 - 520, 1999.

MIES, Maria.; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. London: Zed Books, 1993.

Mireia Baylina, Maria Dolores Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino

'O Mundo Rural' na Espanha: uma perspectiva das mulheres profissionais

MINISTERIO DE MEDIO AMBIENTE Y MEDIO RURAL Y MARINO. **Diagnóstico de la igualdad de género en el medio rural**. Madrid: MARM, Gobierno de España, 2011.

MITCHELL, Don. **Cultural geography: A critical introduction**. Oxford: Blackwell, 2000.

MORÉN, Ricard; SOLANA, Miguel. La immigració en àrees rurals i petites ciutats d'Espanya. Un estat de la qüestió. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, v. 47, p. 141 - 155, 2006.

MONK, Janice; NORWOOD, Vera. **The desert is no lady. Soutwestern landscapes in women's writing and art**. Tucson: University of Arizona Press, 1987.

MORMONT, Marc. Who is rural? Or, how to be rural?: Towards a sociology of the rural. In: MARSDEN, Terry; LOWE, Paul; WHATMORE, Sarah (Eds.). **Rural restructuring: Global processes and their responses**. London: David Fulton, 1990, p. 21 - 44.

PANELLI, Ruth (Ed.). Young rural lives. **Journal of Rural Studies**, v. 18, n. 2, p. 113 - 122, 2002.

PHILO, Chris. Neglected rural geographies: a review. **Journal of Rural Studies**, v. 8, p. 193 - 207, 1992.

SABATÉ, Ana. La participación de las mujeres en la dinámica social de zonas rurales desfavorecidas. **Desarrollo local y Medio Ambiente en zonas desfavorecidas**. Madrid: Ministerio de Obras Públicas y Transportes, 1992, p. 123 - 138.

SAMPEDRO, Rosario. Escuchando la voz de las mujeres. In: Agricultura familiar en

España 2009, **Anuario de la Fundación de Estudios Rurales**, Unión de Pequeños Agricultores y Ganaderos, 2009, p. 92 - 102.

SHORT, Brian. Idyllic ruralities. In: CLOKE, Paul; MARSDEN, Terry; MOONEY, Patrick (Eds.). **Handbook of rural studies**. London: Sage, 2006, p. 133 - 148.

SOLANA, Miguel. Nuevas dinámicas migratorias en los espacios rurales: vivienda, cambio social y procesos de elitización. El caso del Empordanet (Girona). **Ager**, v. 5, p. 57 - 87, 2006.

WOODS, Michael. Engaging the global countryside: globalization, hybridity and the reconstitution of rural place. **Progress in Human Geography**, v. 31, p. 485 - 507, 2007.

Recebido em 20 de outubro de 2014.
Aceito em 23 de dezembro de 2014.

Mireia Baylina, Maria Dolors Garcia-Ramon, Ana María Porto, Isabel Salamaña e Montserrat Villarino